



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS – UAL

TALITA INGRID DE SOUSA CARDOSO

**OS GÊNEROS JORNALÍSTICOS EM PRÁTICAS DE LETRAMENTO NO
ENSINO MÉDIO**

CAJAZEIRAS - PB

2017

TALITA INGRID DE SOUSA CARDOSO

**OS GÊNEROS JORNALÍSTICOS EM PRÁTICAS DE LETRAMENTO NO
ENSINO MÉDIO**

Monografia apresentada ao Curso de Letras –
Licenciatura em Língua Portuguesa da
Unidade Acadêmica de Letras do Centro de
Formação de Professores da Universidade
Federal de Campina Grande.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da
Silva.

CAJAZEIRAS - PB

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

C268g Cardoso, Talita Ingrid de Sousa.
Os gêneros jornalísticos em práticas de letramento no ensino médio /
Talita Ingrid de Sousa Cardoso. - Cajazeiras, 2017.
49f.: il.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva.
Monografia (Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa) UFCG/CFP,
2017.

1. Letramento. 2. Língua portuguesa - ensino. 3. Leitura. 4. Escrita. 5.
Socialização. I. Silva, Abdoral Inácio da. II. Universidade Federal de
Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 37.16:003-028.31

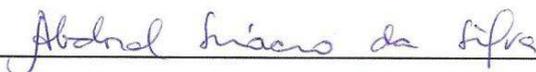
TALITA INGRID DE SOUSA CARDOSO

OS GÊNEROS JORNALÍSTICOS EM PRÁTICAS DE LETRAMENTO NO
ENSINO MÉDIO

Monografia apresentada ao Curso de
Letras – Licenciatura em Língua
Portuguesa da Unidade Acadêmica de
Letras do Centro de Formação de
Professores da Universidade Federal
de Campina Grande.

Aprovado em: 12/09/2017

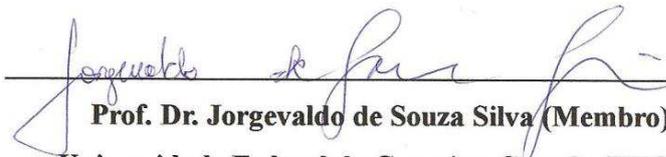
BANCA EXAMINADORA



Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva (Orientador)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)



Prof.^a Dr.^a Hérica Paiva Pereira (Membro)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)



Prof. Dr. Jorgevaldo de Souza Silva (Membro)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

CAJAZEIRAS - PB

2017

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê”.

(Arthur Schopenhauer).

A minha família, em especial a minha avó, que sempre esteve comigo ajudando-me a vencer.

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, pela saúde, força e coragem com as quais consegui chegar até aqui.

Aos meus pais, que sempre estiveram comigo, incentivando-me a estudar e apoiando-me nos momentos de maior dificuldade.

A minha avó que se foi recentemente, não poderia deixar de agradecer, pois sempre esteve comigo e é um exemplo para mim.

Aos orientadores, pela orientação e auxílio na busca e construção do conhecimento.

Aos colegas que compartilharam comigo momentos difíceis e agradáveis, fazendo-me vencer desafios com mais descontração.

Enfim, a todos que contribuíram para esta vitória.

RESUMO

A educação precisa ser entendida no seu sentido dinâmico e singular, para o cumprimento dos seus objetivos, especialmente quanto ao ensino da Língua Portuguesa. Trabalhar a educação, essencialmente a prática de leitura e escrita como prática social é uma estratégia pela qual se tira do discente o seu caráter passivo, da zona de conforto, e instiga-lhe a utilização prática daquilo que se aprende. Deste modo, o trabalho com letramento a partir da utilização do gênero jornalístico é capaz de promover no discente o desenvolvimento da capacidade cognitiva para utilização da leitura no tocante à sua função social, ou seja, o próprio letramento. Nesta perspectiva, o presente trabalho teve por objetivo geral identificar a utilização do gênero jornalístico no Ensino Médio de uma escola estadual do município de São João do Rio do Peixe – PB. E como objetivos específicos: compreender a perspectiva de utilização gênero jornalístico no Ensino Médio; avaliar a utilização do gênero quanto à sua função; e analisar o gênero jornalístico na perspectiva de letramento. E, através de uma pesquisa descritiva e exploratória, com abordagem qualitativa e quantitativa dos dados e ainda observacional que se constatou a necessidade de revisitar os pressupostos pedagógicos e metodológicos do ensino da Língua Portuguesa e Literatura, de modo que, sem a capacidade de letramento, o discente torna-se incapaz de compreender o que se passa ao seu redor e, especialmente, perde a capacidade reflexiva, tornando-se acrítico e incapaz de influir positivamente para as melhorias sociais.

Palavras-chave: Letramento. Ensino. Socialização.

ABSTRACT

Education must be understood in its dynamic and singular sense, for the fulfillment of its objectives, especially regarding the teaching of the Portuguese Language. Working education, essentially the practice of reading and writing as social practice, is a strategy by which the student is removed from the passive character of the comfort zone and instills in the practical use of what is learned. In this way, the work with literacy from the use of the journalistic genre is able to promote in the student the development of the cognitive ability to use reading in relation to its social function, that is, the literacy itself. In this perspective, the main objective of this work was to identify the use of the journalistic genre in High School of a state school in the municipality of. And as specific objectives: to understand the perspective of using journalistic genre in High School; Evaluate the use of gender in its function; And to analyze the journalistic genre in the perspective of literacy. And, through a descriptive and exploratory research, with a qualitative and quantitative approach of the data and also of the field and observational that the necessity of revisiting the pedagogical and methodological assumptions of the teaching of the Portuguese Language and Literature was verified, so that, without the Capacity for literacy, the student becomes unable to understand what is going on around him and especially loses his reflective capacity, becoming uncritical and unable to positively influence social improvements.

Keywords: Literature. Teaching. Socialization.

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 01** - Respostas frente ao questionamento: vocês utilizam outros materiais para a prática de suas aulas?.....31
- Gráfico 02** - Respostas frente ao questionamento: quais materiais complementares costumam utilizar em sala de aula?.....32
- Gráfico 03** - Respostas frente ao questionamento: quais gêneros textuais são utilizados na explanação dos conteúdos em sala de aula?33
- Gráfico 04** - Respostas frente ao questionamento: por que utilizam os gêneros textuais na prática de ensino em sala de aula?.....33
- Gráfico 05** - respostas frente ao questionamento: vocês conhecem o gênero jornalístico?..... 36
- Gráfico 06** - respostas frente ao questionamento: de que modo tiveram contato com gênero jornalístico? 36
- Gráfico 07** - respostas frente ao questionamento: em sua opinião, para que servem os gêneros jornalísticos?.....37

LISTA DE QUADRO

Quadro 01 - Sequência didática a ser utilizada pela docente.	35
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 - PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA LEITURA E LETRAMENTO	15
2 - UM PASSEIO PELOS GÊNEROS TEXTUAIS, A ABORDAGEM DO GÊNERO JORNALÍSTICO E PERFIL DE COMPETÊNCIA PARA A ATUAÇÃO DOCENTE ..	23
3 - LEITURA E LETRAMENTO NO ENSINO MÉDIO A PARTIR DA ABORDAGEM DO GÊNERO JORNALÍSTICO	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41
ANEXOS	44
Anexo A – Termo de autorização para a realização da pesquisa.....	45
Anexo B – Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento 01	46
Anexo C – Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento 02	47
Anexo D – Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento 03	48
Anexo E – Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento 03	49

INTRODUÇÃO

A educação precisa ser entendida no seu sentido dinâmico e singular, para o cumprimento dos seus objetivos, especialmente quanto ao ensino da Língua Portuguesa, tão essencial em todas as fases e ciclos de aprendizagem. Deve correlacionar-se a uma metodologia que dialogue com a autonomia do sujeito, a avaliação precisa ser um processo dinâmico, e, correlacionar-se aos objetivos educacionais a que se propõe, e especialmente na identificação de lacunas que podem ser preenchidas dentro do processo educacional.

Neste sentido, a ideia de letramento é embasada por Soares e Batista (2005) como uma ampliação progressiva do conceito de alfabetização, ganhando em seu contexto a utilização da linguagem dentro do processo de socialização, ou seja, como instrumento de prática social.

Nesse sentido, trabalhar a educação, essencialmente a prática de leitura e escrita como prática social é uma estratégia pela qual se tira do discente o seu caráter passivo, da zona de conforto e passa a instigá-lo na utilização prática daquilo que se aprende. Tomando por base estudos de Bonini (2011) para a prática de alfabetização e letramento, um dos instrumentos mais fortes que o docente pode utilizar é o gênero jornalístico, este que passou a ser utilizado com maior relevância a partir da renovação curricular e metodológica do ensino e mediada pela publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's.

Desse modo, o trabalho com letramento a partir da utilização do gênero jornalístico é capaz de promover no discente o desenvolvimento da capacidade cognitiva para a utilização da leitura no tocante à sua função social, ou seja, o próprio letramento.

Nesta perspectiva, tendo por mediação a compreensão da importância do letramento e do gênero jornalístico como ferramenta potencializadora para o seu desenvolvimento, é que surgiu a necessidade de identificar, analisar e compreender o uso desta no ensino médio a partir dos livros didáticos utilizados.

Neste trabalho, tem-se por objetivo geral identificar a utilização do gênero jornalístico no Ensino Médio de uma escola estadual do município de São João do Rio do Peixe – PB. Como objetivos específicos destacamos os seguintes: compreender a perspectiva da utilização do gênero jornalístico no Ensino Médio; avaliar a utilização do gênero quanto à sua função e; analisar o gênero jornalístico na perspectiva de letramento.

A pesquisa se constitui de um trabalho descritivo e exploratório, com abordagem qualitativa e quantitativa dos dados e ainda observacional, com base na busca por constituir fundamentos teóricos suficientes para abordagem sistemática do tema.

Trata-se de um método mais utilizados nas ciências sociais. De um lado, pode ser considerado o mais primitivo e, portanto, o mais impreciso dos métodos, mas por outro lado, pode ser tido como um dos mais modernos, uma vez que permite o mais elevado grau de precisão nas ciências sociais. Difere do método experimental em um aspecto: nos experimentos, existe a interferência do pesquisador, enquanto o observacional, o cientista apenas observa algo que acontece ou já aconteceu (GIL, 1987, p. 35). Esse tipo de pesquisa tem um viés ligado à pesquisa de campo destacado por Marconi e Lakatos (2009) que objetiva obter informações e/ou conhecimentos de um problema, através da observação do que ocorre espontaneamente na coleta de dados, para o qual se procura uma resposta ou uma hipótese que se queira comprovar, ou ainda desvendar novos fenômenos ou as relações entre eles.

Segundo Gil (1991), a pesquisa descritiva tem como finalidade principal descrever características de determinadas populações ou determinados fenômenos. Uma de suas características está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática sem a interferência do entrevistador. Também se encaixam neste grupo aquelas que buscam encontrar a ocorrência de associações entre variáveis.

Inicialmente, foi realizado o contato com a instituição de ensino para posterior ser assinada termo de autorização da gestora escola para a realização da pesquisa. Em seguida, foram convidados os docentes para participarem como voluntários no estudo. Posteriormente foi assinado o termo de consentimento e livre esclarecimento. A partir daí foi realizada a observação das práticas de ensino da Literatura e Língua Portuguesa, além da análise do conteúdo didático proposto pelo livro didático utilizado para tal. A pesquisa foi realizada em uma escola estadual do município de São João do Rio do Peixe – PB, conforme metodologia proposta.

Os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo teorizada por Bardin (1977) que enfatiza que essas análises “[...] permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”.

Espera-se que a presente pesquisa, através do alcance dos objetivos propostos venha a desempenhar relevante papel para a comunidade acadêmico-científica quanto à utilização do que se propõe como ferramenta para o desenvolvimento do letramento.

A partir disso, o trabalho foi estruturado em três capítulos organizados da seguinte forma: capítulo I aborda aspectos da leitura e letramento; Capítulo II uma análise dos gêneros textuais e especialmente o gênero jornalístico e; Capítulo III os gêneros jornalísticos em práticas de letramento no ensino médio.

1 - PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA LEITURA E LETRAMENTO

O ensino da leitura é essencial para a construção do processo educacional, pode ser considerada a primeira etapa formativa, sendo a partir de tal processo que o indivíduo adquire habilidades para a aquisição de outros conhecimentos e interage socialmente, tornando-se uma pessoa letrada de modo que, falhas nesse processo acarretam em problemas evidenciados no decorrer da vida social, educacional e acadêmica, perpassando para a atuação profissional. E, é nesse sentido que o presente capítulo contará com uma análise sistemática do ensino e aprendizagem da leitura na perspectiva do letramento.

Para melhor enfatizar a justificativa para adentrar a tal discussão, é importante trazer a reflexão empreendida a partir dos documentos oficiais e regulamentadores da educação básica, ao afirmar a importância de que egressos dos variados níveis de ensino devam ter preparação mínima para integrar-se e agir socialmente através da linguagem, como é enfatizado nos PCN's dos primeiros e segundo ciclos ao afirmar que,

um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui a escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos” (BRASIL, 1998, p. 21).

Deste modo, diante de tal justificativa para iniciarmos a discussão é importante trazer o contexto da alfabetização, que de acordo com Barbosa (1992), o ato de alfabetizar diz respeito a aproximar o aprendiz a símbolos que, por sua vez, apresentem significados.

Historicamente, a alfabetização escolar teve início em 1989 na França, de modo que as crianças eram ensinadas inicialmente a ler para, posteriormente, passarem ao processo de escrita, sendo consideradas distintas aprendizagens e, assim, de tal modo, promover a alfabetização, fundamento da escola básica e a leitura/escrita da aprendizagem escolar.

O processo de alfabetização é essencial e está atrelado à educação escolar em seu contínuo processo, perpassando desde as séries mais iniciais às finais. Nesse sentido, tal processo é explicado por estudos realizados por Lopes (2010, p. 22) ao apontar que,

[...] nosso sistema de escrita é alfabético. Seu princípio básico é o de que cada “som” é representado por uma “letra”. Esse aprendizado é decisivo no processo de alfabetização, e se realiza quando o educando entende que o princípio que regula a escrita é a correspondência grafema-fonema.

Diante de tal perspectiva, o sistema de alfabetização está intimamente ligado à correspondência entre signo e som, como o próprio autor aponta o grafema-fonema na perspectiva do desenvolvimento de capacidades para o seu desenvolvimento. Assim, de forma muito sistemática e objetiva, Ferraz (2007) dá ênfase de que o ato de alfabetizar corresponde ao processo de ensino de leitura e escrita, o que denota ainda a necessidade de se compreender o significado do ler e escrever, destacando que a partir da década de 1990 as definições foram ampliadas, transpondo o ato da “codificação” e “decodificação” de sinais e passando ao contexto do letramento ao sentido.

Através de um panorama histórico proposto por Rodrigues e Batista (2017), importante para compreensão do contexto geral, se sabe que até meados do século XIX existia uma restrição de livros de leitura no Brasil e também quanto ao número de escolas primárias, que começaram a ser ampliadas no período imperial e consolidando-se junto ao processo de industrialização, tornando-se meta no período republicano no qual se instaura a escolarização das práticas de leitura e escrita.

Já no século XX, foram produzidos e nacionalizados os primeiros livros didáticos, como também o ensino da leitura passou a ser entendido como índice de mensuração da eficácia escolar, sendo compreendido como o único acesso ao mundo letrado. A Revolução Industrial está ligada a isso, pois trouxe consigo a expansão tecnológica e a disseminação cultural pelo maior acesso ao saber e sua democratização.

Ainda de acordo com os autores, as cartilhas de alfabetização antes utilizadas e difundidas como ferramenta educacional única, como um parâmetro que deveria ser seguido passaram a ser questionadas a partir de 1980, momento marcado pela difusão dos pensamentos construtivistas e interacionistas da alfabetização.

Diante de tal evolução, a sociedade atual não mais concebe uma educação na qual se exija dos alunos apenas a reprodução de ideias concretas, e sim que esta proporcione ferramentas capazes de promover a capacidade crítico-reflexiva, a compreensão e o entendimento daquilo que se lê e, para, além disso, da capacidade de sua aplicabilidade ou utilização lógica.

Tal ideia aproxima-se das referências de Teberosky e Colomer (2003, p. 80) de que “para desenvolver um modelo construtivista de ensino-aprendizagem, é necessário construir situações de aprendizagem”. Para isso, torna-se importante refletir sobre as práticas de ensino realizadas no passado, para que a partir delas se possa pensar o presente. Desse modo, reinventar o processo de alfabetização a partir do letramento pode ser uma das possíveis

maneiras de formar indivíduos capazes de contribuir para as mudanças sociais, imprescindíveis em nossa sociedade frente ao seu dinamismo.

No contexto da gênese da língua escrita, Lopes (2010) destaca que o educador, para sua compreensão precisa conhecê-la na perspectiva dos pensamentos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky e, assim, fomentar a capacidade de mediar intervenções e atividades que remetem ao sucesso da alfabetização enquanto processo dinâmico e ativo ou ainda transformador. A respeito disso, Santos (2007, p.15-16) apontam que:

No campo da Psicologia, foram muito importantes as contribuições dos estudos sobre a *psicogênese da língua escrita*, desenvolvidos por Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1984). Rompendo com a concepção de língua escrita como código, o qual se aprenderia considerando atividades de memorização, as autoras defenderam uma concepção de língua escrita como um sistema de notação que, no nosso caso, é alfabético. E, na aprendizagem desse sistema, elas constataram que as crianças ou os adultos analfabetos passavam por diferentes fases que vão da escrita *pré-silábica*, em que o aprendiz não compreende ainda que a escrita representa os segmentos sonoros da palavra, até as etapas *silábica e a alfabética*. No processo de apropriação do sistema de escrita alfabética, os alunos precisariam compreender como esse sistema funciona e isso pressupõe que descubram que o que a escrita alfabética nota no papel são os sons das partes orais das palavras e que o faz considerando segmentos sonoros menores que a sílaba. É interagindo com a língua escrita através de seus usos e funções que essa aprendizagem ocorreria, e não a partir da leitura de textos “forjados” como os presentes nas “cartilhas tradicionais”.

Corroborando a tal pensamento que envolve o processo social, a utilização lógica e consciente do processo de leitura e escrita, ou seja, o letramento, Freire (1998, p. 2) diante da perspectiva construtivista aponta em seus estudos que “ler é ser capaz de transformar uma mensagem escrita numa mensagem sonora segundo certas leis precisas. É compreender o sentido da mensagem escrita”, envolvendo, assim, a necessidade de compreensão do que se está escrito para sua utilização lógica, de modo a romper com a simples decodificação e se transformar em uma ação prática.

Ainda de acordo com Freire (1998), o indivíduo nunca pode ser considerado uma “página em branco” ele é dotado de conhecimentos que antecedem até mesmo o processo de alfabetização. De acordo com Morais e Albuquerque (2014) as crianças apreendem do seu contexto social, ou seja, a partir da interação com o meio são capazes de se motivarem para o processo de leitura e escrita, e ainda mais para a reflexão, aproximando-se assim do conceito de zona de desenvolvimento proximal defendido por Vigotsky, enriquecendo ainda mais o

contexto de compreensão que embasa o processo de letramento e trazendo a prerrogativa de interação com e para o letramento.

Tem-se por prática de letramento a capacidade da utilização da leitura na sua prática social, esta mediatizada pela leitura e/ou escrita, ou seja, quaisquer usos dos signos verbais ou não verbais para a prática de compreensão de mundo e, assim, atuando como promotor da socialização e da interação do sujeito com o meio que o cerca, inserindo-se como ser capaz de interagir ou se possível, ser agente de transformação/melhoria do seu contexto social (SOUZA; CORTI e MENDONÇA, 2012). A noção de letramento traz a socialização pela linguagem, pela leitura e escrita, e, ainda, a questão do sentido empreendido por tal processo, de modo que segundo Kleiman (2002, p.16),

[...] ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais nem aquilo do qual não consegue extrair o sentido. Essa é uma boa caracterização da tarefa de ler em sala de aula: para uma grande maioria dos alunos ela é difícil demais, justamente porque não faz sentido.

Portanto, trata-se do processo de motivação, pois não é fácil motivar os alunos para a leitura e, conseqüentemente para escrita, mais ainda pelo fato de que a última depende intrinsecamente da primeira, para escrever, expressar-se por meio da escrita e de textos bem elaborados, tendo em vista que é imprescindível que o autor tenha uma boa base de leitura e ainda uma consolidada leitura de mundo.

Assim, é necessário que o ensino de leitura e escrita apresente um sentido real para que seja significativa e transponha às dificuldades dos adultos que acontecem em decorrência do ato de decodificar e, é nesse contexto que Soares (1998, p. 47) ao explicar o sentido do letramento, destaca que “alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita”.

Portanto, alfabetizar letrando pode ser considerado como a melhor e mais eficiente estratégia para a consolidação da alfabetização no processo de escolarização, pois, trazendo ao aluno o seu contexto social, isso estimularia a motivação da qual tanto se requer para o seu envolvimento. Entretanto, Ferraz (2007, p.18) aponta que “o ensino tradicional de alfabetização em que primeiro se aprende a “decifrar um código” a partir de uma sequência de passos/etapas, para só depois se ler efetivamente, isso não garante a formação de leitores/escritores”. De modo que, só é possível estabelecer-se como leitor, o indivíduo capaz de desenvolver a capacidade crítico-reflexiva de utilizar o que foi lido como fundamento para

leitores competentes, capazes de compreender a leitura e utilizar o processo de escrita na produção e reprodução de ideias.

Para o desenvolvimento desta capacidade crítico-reflexiva, faz-se necessário o desenvolvimento de outros aspectos como as capacidades ou estratégias de compreensão, definidas por Rojo (2009) como: ativação de conhecimentos de mundo, antecipação ou predição de conteúdos ou de propriedades dos textos, checagem de hipóteses, localização e/ou retomada (cópia) de informações, comparação de informações, generalização, produção de inferências locais e procuração de inferências globais. Ou seja, se entende que há uma ancoragem dos conhecimentos prévios aos novos conhecimentos, corroborando desta forma com as teorias empreendidas e já citadas de Paulo Freire.

Estudos realizados por Kleiman (2007) refletem o sentido e o papel da escola, de modo que esta pode ser considerada como uma “agência de letramento por excelência” da sociedade na qual vivemos. Deve-se considerar tal processo como o seu objetivo estruturante, pois é impossível considerar a escola dissociada do seu papel social, e especialmente tomando como base a sua singularidade no contexto de inserção física, ou seja, apropriando-se do local e de todas as peculiaridades a ele inerentes. De acordo com a autora:

A concepção hoje predominante nos estudos de leitura e a de leitura como prática social que, na Linguística Aplicada, e subsidiada teoricamente pelos estudos do letramento. Nessa perspectiva, os usos da leitura estão ligados a situação; são determinados pelas histórias dos participantes, pelas características da instituição em que se encontram, pelo grau de formalidade ou informalidade da situação, pelo objetivo da atividade de leitura, diferindo segundo o grupo social. Tudo isso realça a diferença e a multiplicidade dos discursos que envolvem e constituem os sujeitos e que determinam esses diferentes modos de ler (KLEIMAN, 2004 p. 14).

Sobre o processo de alfabetização escolar, Rojo (2009, p. 76) traz críticas que envolvem o descrédito por parte da escola sobre o letramento social, apontando que a escola em seu processo de letramento tem como características “objetivar a linguagem em textos escritos, despertar a consciência para os fatos da linguagem, analisar a linguagem em sua composição por partes (frases, palavras, sílabas, letras)”, de modo que,

[...] poucas e as mais básicas das capacidades leitoras têm sido ensinadas, avaliadas e cobradas pela escola. Todas as outras são quase ignoradas. [...] isso é o que mostram os resultados de leitura de nossos alunos em diversos exames, como o ENEM, SAEB e PISA, tidos como altamente insuficientes para a leitura cidadã numa sociedade urbana e globalizada, altamente letrada como a atual (ROJO, 2009, p. 76).

Esse tipo de leitura envolve o sentido da compreensão e em uma sociedade na qual a utilização de meios de multimídia de comunicação verbal e não-verbal estão superando as interações sociais físicas, o autor, frente a tal citação chama a atenção para a necessidade da escola acompanhar a evolução social intensa que vivenciamos.

Corroborando com essa ideia, Souza, Corti e Mendonça (2012) apontam que evidências são enfáticas ao afirmar que diante do resultado de pesquisa realizada pelo INAF sobre as práticas de leitura dos brasileiros, os jovens apresentam maior prática de leitura em relação aos adultos, sobretudo pela utilização mais frequente dos meios informatizados e de comunicação social, atualmente disponível e que implicam diretamente na leitura e na escrita.

No contexto da real necessidade de direcionamento do ensino da leitura e escrita na atualidade e, mais premente para o processo de socialização é que Lopes (2010) dá ênfase para a necessidade da criação na escola de um ambiente alfabetizador, e que neste sejam utilizados textos como fundamento para o letramento, e por sua vez que sejam adequados com suas diferentes funções sociais, de modo que o docente deva atuar para além da transmissão de conhecimentos básicos, ele deve conhecer e compreender as singularidades e tratar o processo educacional como dinâmico e adequável as múltiplas realidades.

Na perspectiva do letramento, estudos vêm atrelando o fracasso escolar e o consequente déficit de escolarização, antes proeminente nas séries iniciais e agora mais presentes nas séries avançadas e envolvidas pelo próprio contexto formativo, pedagógico e metodológico empregado na escola. A este respeito disso, Lahire (1995 apud ROJO, 2009, p. 60),

[...] credita grande parte das dificuldades que levam ao fracasso escolar ao novo tipo de contato escolar que a criança passa a ter com a linguagem por meio do ensino-aprendizagem da escrita/leitura – um contato que passa de inconsciente, prático, incorporado (na família) e consciente, analítico, objetivado (na escola).

De acordo com Ferraz (2007), faz-se necessário a utilização de distintos gêneros textuais e que estes sejam condizentes e convergentes aos contextos de vida dos indivíduos, proporcionando a capacidade de desenvolvimento de autonomia para promoção da capacidade reflexiva, de modo que é necessária a busca pelo envolvimento e da motivação pela utilização do contexto singular de cada um dos indivíduos, preparando-os para o letramento.

Corroborando com essas ideias, se faz necessário que a escola, entendida como o complexo de docentes e discentes e mediada por interações sociais físicas e letradas possa

atentar para a importância de ferramentas/instrumentos ou meios capazes de despertar o aluno para o letramento, de modo a transpor às dificuldades que podem levar ao fracasso escolar.

Nessa perspectiva, Lahire (1995 apud ROJO, 2009, p. 60) potencializa essa ideia ao dá ênfase a socialização atrelada ao letramento, destacando que,

[...] na diversidade dos letramentos das camadas populares, sobre a qual ainda sabemos, apesar de tudo, muito pouco e que a escola tende a ignorar, sobrepondo a ela a unicidade das práticas de letramento escolar. Boa parte do “fracasso escolar” se dá justamente no conflito irresolvido desses letramentos.

A escola deve ser assim, capaz de envolver a capacidade de letramento à função social da leitura e, mais ainda, acompanhar os movimentos sociais de modo subjetivo e singular para cada uma das demandas existentes. Segundo Souza, Corti e Mendonça (2012, p. 15):

Mapear o que os alunos leem e escrevem além dos muros escolares é, sem dúvida, o primeiro passo para se aproximar dos seus interesses. A partir desse conhecimento, é possível planejar atividades de leitura e escrita de fato significativas para esses estudantes.

O docente diante a explanação precisa desenvolver a capacidade do dinamismo, de buscar adequar suas aulas ao contexto de demanda de seus discentes e de estimular a motivação, passando a contribuir para a alfabetização atrelada ao letramento e, não obstante, para a socialização. É nesse sentido que para Rodrigues e Batista (2017, p.38), “quanto mais cedo uma criança é inserida no mundo letrado mais chances terá de se formar um cidadão crítico, reflexivo e comprometido com a sociedade”, e para tal, demanda-se sua interação com o meio, e este meio de interação social é a própria escola.

E, a este respeito, Bueno (2011, p. 53), destaca que:

A nova perspectiva, fundamentada pelos estudos sobre o letramento, sustenta a visão de que o domínio da linguagem é uma condição para se atingir a plena participação social, uma vez que é por meio da linguagem que os homens interagem entre si [...], ou seja, e por meio da linguagem que os homens participam das práticas sociais.

Ainda no contexto do seu papel social através do letramento e do ensino da Língua Portuguesa pela concepção interacionista da linguagem é que Deon e Santos (2016, p. 330), enfatizam que:

Segundo as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM, 2006), a proposta de letramento está vinculada a de cidadania, de modo que o educando, além da formação e aprendizado da língua, se desenvolve como um cidadão. Para isso, a língua em sala de aula deve ser tratada como um fato social. Para ser tratada dessa forma, é necessário deixar para trás a língua essencialmente sistêmica e abstrata e vinculá-la à sociedade. Isso se faz mostrando os diversos usos da língua, em várias esferas da sociedade, ou seja, apresentando aos educandos os diversos gêneros do discurso que estão circulando socialmente.

Tal ideia fomenta tudo o que já fora discutido e fortalece a ideia de que é necessária a busca pela contemplação da dimensão subjetiva dos discentes para a consolidação da educação ou alfabetização por letramento, de modo que os docentes devem utilizar meios factíveis para tal, sendo a utilização dos gêneros do discurso ou mesmo dos gêneros textuais a peça-chave para possibilitar tal processo. Portanto, essa é uma possibilidade real do processo educacional centrado no aluno e nas suas necessidades e subjetividades, fator preponderante para o sucesso educacional.

Destacamos que dentro dessa perspectiva, cabe salientar que o conceito de multiletramento foi cunhado para abranger dois ‘multi’ – a multiculturalidade característica das sociedades globalizadas e a multimodalidade - dos textos por meio dos quais a multiculturalidade se comunica e informa (ROJO; MOURA, 2012, p. 13).

Nesse sentido,

trabalhar com multiletramentos pode ou não envolver (normalmente envolverá) o uso de novas tecnologias da comunicação e de informação (‘novos letramentos’), mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático - que envolva agência – de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos (ROJO e MOURA, 2012, p. 8).

É importante antes de adentrar-se aos pressupostos dos gêneros e, em especial, ao gênero jornalístico, enfatizar que a partir do letramento ou multiletramento os docentes podem transpor a educação transmissiva e centrada nas necessidades e vontades do docente e passar a valorizar as riquezas de experiências dos alunos que trazem à sala de aula, os aspectos peculiares às suas vidas sociais e, assim, traduzem a educação ao sentido de dinamicidade da qual tanto se busca e precisa.

2 - UM PASSEIO PELOS GÊNEROS TEXTUAIS, A ABORDAGEM DO GÊNERO JORNALÍSTICO E PERFIL DE COMPETÊNCIA PARA A ATUAÇÃO DOCENTE

Para além do letramento já descrito no capítulo anterior, é importante pensar agora no seu desdobramento no processo de ensino e aprendizagem na educação. Antes de uma abordagem sistemática de estratégias/metodologias para o desenvolvimento do letramento, é relevante considerar a análise do discurso que, por sua vez condiciona-se a convergência com o meio, o social, assim, o sentido do que se lê ou vê está no indivíduo, no subjetivo do sujeito enquanto inserido em sociedade ou em determinado contexto ideológico.

De acordo com Bueno (2011, p.53):

Nessa interação entre os homens, assume lugar especial o gênero de texto, porque, em qualquer situação de comunicação, os falantes produzem um texto que pertencente a um determinado gênero. Logo, para participar de uma comunidade é necessário conhecer os gêneros nela produzidos e saber as situações comunicativas em que podem ser usados.

Não se trata apenas de ensinar ou simplesmente decodificar, mas dar sentido ao ato de decodificar até que se esqueça de tal ação para que esta seja apenas uma ferramenta para a aquisição de novos conteúdos e para a promoção de uma reflexão dinâmica.

Chuang Tzu (s.d.) destaca que:

O objetivo de uma armadilha para coelhos é pegar coelhos. Quando estes são agarrados, esquece-se a armadilha. O objetivo das palavras e dos nomes é transmitir o sentido do ser, a melodia da existência. Quando esta é apreendida, as palavras são esquecidas (CHUANG TZU apud BUZZI, 1989, p.55).

Este modo traduz justamente o que se pretendeu explicar, que as palavras são apenas ferramentas, são o primeiro passo de uma caminhada inesgotável de aquisição, transformação e utilização de diversos conhecimentos. É importante compreender que de acordo com Morin (2003, p. 48) “uma cabeça bem-feita é uma cabeça apta a organizar os conhecimento e, com isso, evitar sua acumulação estéril”, concluindo que:

[...] Quem acumula muito saber só prova um ponto: que é um idiota de memória boa. Não faz sentido aprender a arte de escalar montanhas nos desertos, nem a arte de fazer iglus nos trópicos. Na vida, a utilidade dos saberes se subordina às exigências do viver [...] (MORIN, 2003, p. 87).

Então, o melhor método de ensinar a ensinar e assim ensinar a aprender de forma crítica não há outra senão a prática, a vivência, o dia-a-dia junto do processo, o encantamento diário com as evoluções de contínuo e o circular processo de ensino/facilitação/estimulação/impulso-aprendizagem.

A partir do entendimento de tal processo, se compreende que o letramento é capaz de dar sentido as palavras, e assim, os gêneros textuais propiciam a utilização realística das referidas palavras e proporcionam o letramento e, em especial o multiletramento.

Acerca dos gêneros é importante considerar que, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 21):

Todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam. Os gêneros são, portanto, determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura. São caracterizados por três elementos: 1) Conteúdo temático; 2) construção composicional; 3) estilo.

Entende-se que os textos ou mesmo os gêneros textuais são considerados a partir da necessidade de interação social, ou seja, sua produção é demandada a partir daquilo que se requer, seguindo sempre uma perspectiva interacionista da função da linguagem.

Nos estudos realizados por Bakhtin (2011), fica claro que os gêneros textuais surgem à medida que são demandados pelas atividades sociointeracionistas e socioculturais, atuando como mediados e delimitados a partir do contexto aos quais estão inseridos e das necessidades que lhes são atribuídas. Assim, a cada dia novos gêneros vão surgindo, acompanhado o desenvolvimento e a transformação da nossa sociedade, cada qual com a sua funcionalidade e sentidos determinados, sendo inconcebível a compreensão da linguagem sem a utilização dos gêneros, como também a utilização dos gêneros sem uma base linguística consolidada.

De acordo com o autor, por se tratar do resultado dos fenômenos produzidos pela interação social, é que os gêneros não podem ser nomeados ou caracterizados, sendo consideradas frente a uma variação infundável. Nessa perspectiva, é relevante que o docente busque a atuação no sentido de letramento a partir da utilização do gênero e, para tal, deve conhecê-la e reconhecê-la como singular e dinâmica.

De acordo com Marcuchi (2008, p.10) o trabalho da linguagem a partir de gêneros envolve a “compreensão de seu funcionamento na sociedade e na sua relação com os indivíduos situados naquela cultura e suas instituições”, assim, este trabalho é da sociedade,

para ela destinado e com ela intimamente relacionado, sendo necessário o estímulo do docente para disparar tal processo.

Nesse processo de letramento, o gênero jornalístico assume um papel de fundamental importância, visto que consiste em um instrumento da linguagem que faz uma ligação direta e cotidiana entre o mundo no qual se encontra inserido o leitor e o uso que se faz da leitura, através do gênero para estabelecer o contato direto com aquele mundo.

Acerca do gênero em destaque, Melo (1985) discute a formação discursiva e a constituição do gênero jornalístico, especificando que:

Se os gêneros são determinados pelo estilo e se este depende de uma relação dialógica que o jornalista deve manter com o seu público, apreendendo seus modos de expressão (linguagem) e suas expectativas (temáticas), é evidente que a sua classificação restringe-se a universos culturais delimitados. Por mais que as empresas jornalísticas assumam hoje uma dimensão transnacional em sua estrutura operativa, permanecem, contudo as especificidades nacionais ou regionais que ordenam o processo de recodificação das mensagens importadas. Tais especificidades não excluem as articulações interculturais que muitas vezes subsistem através das línguas e são prolongamentos do colonialismo (MELO, 1985, p. 27).

Trata-se de um gênero que pela estrutura, características e função social deve ser amplamente discutido e associado às ações de linguagem vivenciadas pelo educando dentro e fora do contexto escolar. Ainda sobre esta reflexão, Medina (2001) enfatiza que estes gêneros tem uma função ao destacar que:

Com certeza servem para orientar os leitores a lerem os jornais, permitindo-os identificar as formas e os conteúdos dos mesmos. Servem, também, como um diálogo entre o jornal e o leitor, pois é através das exigências dos leitores que as formas e os conteúdos dos jornais se modificam. Os gêneros servem ainda para identificar uma determinada intenção, seja de informar, de opinar, de interpretar ou de divertir. Podemos afirmar que os gêneros são determinados pelo estilo que o jornalista emprega para expressar para o seu público os acontecimentos diários. A maioria dos jornais brasileiros divide os gêneros jornalísticos em quatro grandes grupos: informativo, com a preocupação de relatar os fatos de uma forma mais objetiva possível; interpretativo, que, além de informar, procura interpretar os fatos; opinativo, expressa um ponto de vista a respeito de um fato; entretenimento, que são informações que visam à distração dos leitores. Essa divisão serve para identificarmos como os fatos jornalísticos são processados, servindo como uma ferramenta inquestionável para que os leitores se orientem na procura das informações desejadas, pois, quando lemos um editorial, por exemplo, devemos ter consciência de que estamos recebendo um ponto de vista da empresa jornalística, o mesmo acontecendo com um artigo ou uma crônica. Entretanto os jornais, além de serem canais eficientes para transmissão de informação, servem também como prestadores de serviços, como suportes

para publicidade e propaganda, entre outras utilidades; a fim de orientar os leitores para essa multiplicidade de utilidade que os órgãos de comunicação possuem, propor aqui um novo rearranjo para os gêneros jornalísticos. (MEDINA, 2001, p. 50-51)

Considerando a aplicabilidade deste gênero no contexto escolar, é preciso refletir sobre a estruturação do trabalho com gêneros no qual o docente deve abordá-los no tocante a sua funcionalidade na sociedade, seus objetivos e intencionalidades para, posteriormente, analisar sua composição, estrutura e estilo dando subsídios para a interpretação, reflexão, discussão e problematização e, assim, passarem a produção do gênero determinado (BAKHTIN, 2011).

Medina (2001) apresenta um quadro como proposta descritiva da complexidade do gênero em questão, caracterizando 05 (cinco) gêneros na comunicação jornalística jornalismo, como:

Gêneros informativos

Nota, notícia, reportagem, entrevista, título e chamada.

Gêneros opinativos (totalmente subjetivos, com opiniões de colaboradores e editores). Editorial, comentário, artigo, resenha ou crítica, coluna, carta, crônica.

Gêneros utilitários ou prestadores de serviços – roteiro, obituário, indicadores, campanhas, “ombudsman”, educacional (testes e apostilas). - Gêneros ilustrativos ou visuais – engloba gráficos, tabelas, quadros demonstrativos, ilustrações, caricatura e fotografia.

Propaganda - Comercial, institucional e legal.

Entretenimento - Passatempos, jogos, história em quadrinhos, folhetins, palavras cruzadas, contos, poesia, charadas, horóscopo, dama, xadrez e novelas (MEDINA, 2001, p. 520).

Pela complexidade apresentada, não se trata de um trabalho fácil, pelo contrário, o docente precisa ser dinâmico e atento a todos os aspectos inerentes aos determinantes sociais, envolvendo condição econômica e social, desde o local de moradia, dinâmica familiar, contexto formativo, dentre outros. Muitos são os aspectos e subjetividades para atuação de um docente apenas.

A este respeito, Deon e Santos (2016) traduz como um desafio ao docente lidar com tais aspectos singulares, por demandar deste mais tempo para a pesquisa e a coleta de dados, sendo seu trabalho facilitado pelos conteúdos prontos disponibilizados nos livros didáticos, agilizando o seu processo de atuação e perpassando pelo contínuo da repetição.

Ainda de acordo com o autor, tal prática é prejudicial no sentido de limitar a aprendizagem, suprimindo a capacidade de compreensão para textos correntes na sociedade e, conseqüentemente, para o desenvolvimento de competências discursivas para os gêneros

propagados, especialmente quanto aos aspectos políticos, econômicos, culturais, jornalísticos e sociais, limitando a criticidade do indivíduo.

O docente deve, portanto, assumir o papel de mediador e impulsionador, deixando de ser o indivíduo sistemático e estático e passando para ser um pesquisador e articulador, deixando de ser o professor para se tornar o facilitador da aprendizagem. Entretanto, para que tal processo venha a ocorrer, é necessário ter essencialmente o perfil de competência para atuação, para só assim, desenvolver nos alunos as competências necessárias a sua função enquanto ser social.

O conceito de perfil de competência foi inicialmente abordado por Hager e Gonczi (1996 p. 21) como “[...] a capacidade de mobilizar diferentes recursos para solucionar com pertinência e sucesso, os problemas da prática profissional em diferentes contextos”. De acordo com estudo realizado por Fleury e Fleury (2011) o debate sobre a competência foi iniciado por estudo americano publicado por McClelland em 1973 e protagonizado por psicólogos e administradores, que abordavam a competência como característica subjacente de determinado indivíduo que denota a um desempenho efetivo em determinadas ações, a ser definido como um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes.

Já o debate francês do século 70 ainda de acordo com os autores vem a estabelecer a relação entre competências e saberes para a atuação profissional, de modo que o referido conceito ultrapassa o campo educacional e abrange as relações trabalhistas e a criação do inventário de competências que se correlaciona a demandas mutáveis e complexas, devendo assim adequar-se a estas.

Conclui-se diante de tais estudos e a partir da evolução do conceito que a competência de acordo com Zarifian (1999 apud FLEURY e FLEURY, 2011, p. 189) constitui-se da “[...] inteligência prática para situações que se apoiam sobre os conhecimentos adquiridos e os transformam com tanto mais força, quanto mais aumenta a complexidade das situações”.

Quanto à utilização do conceito de competências no processo educacional, Sacristán et. al., (2011) apontam que a aplicabilidade da educação por competência visa à quebra no paradigma educacional sistemático e estático, passando para um processo dinâmico que adequa-se às necessidades sociais e individuais e que demanda do profissional responsável pelo processo, um conjunto de capacidades necessárias para que se alcance um resultado satisfatório. Parafraseando Barnett (2001), o autor aponta que:

[...] As noções de habilidade, vocação, capacidade de transmissão, competências, resultados, aprendizagem pela experiência, capacidade e

iniciativa, tomadas em conjunto, são sinais de que as definições tradicionais de conhecimento já não são consideradas adequadas para os problemas da sociedade contemporânea [...] (BARNETT, 2001, p. 107 apud CRISTÁN et. al., 2011, p. 16).

A partir da análise ao que fora apresentado, compreende-se que o docente incapaz de se adequar ou agregar capacidades e competências para determinado processo educacional, transforma-o em ineficaz ou incoerente, incorrendo em problemas que permeiam todo o contexto metodológico aplicado à prática.

Evidentemente que o professor agora entendido como docente/facilitador deve ter minimamente o perfil de competência requerido para sua atuação e, além disso, deve reconhecer o processo educacional na sua essência como um processo inconcluso e recorrente, pois de acordo com Freire (2014, p. 25), “[...] quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado [...]. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

Para Alves (2010, p. 26), ao educador, demanda-se, sobretudo, o amor pela educação, principal razão para o sucesso do processo educacional, de modo que “a questão não é gerenciar o educador. É necessário acordá-lo. E para acordá-lo, uma experiência de amor é necessária”.

Dentro desse contexto importante ainda se deve considerar que no processo formativo circular, inconcluso e dinâmico, é necessário compreender que o discente será o educador/facilitador no futuro, e assim os currículos educacionais vêm cada vez mais primando para a necessidade do desenvolvimento de perfis de competências dinâmicas e que transcenda as disciplinas, sendo a aprendizagem baseada em problemas e na problematização, metodologia propícia a tal desenvolvimento, haja vista que “[...] ao trabalhar com problemas complexos, ainda sem solução, do mundo real, os estudantes têm de aprender a relacionar conhecimento de diferentes áreas [...]” (ARAÚJO e SASTRE, 2009, p. 18).

O trabalho com a problematização vai além da simples reprodução, pois traz à tona a capacidade de interrelacionar o conhecimento e o embasamento científico com as situações reais do dia-a-dia. Um dos exemplos possíveis de utilização da problematização poderia envolver a realização de um trabalho de campo com a busca de anúncios ou textos públicos que trouxessem incoerências de sentido ou grafia, estratégia que poderia ser útil nas aulas de Língua Portuguesa.

Já abordando a pedagogia numa perspectiva problematizadora e voltada ao desenvolvimento da autonomia do estudante, é importante tomar a pedagogia descrita por

Freire (2014), esta que se demonstra capaz de promover a autonomia do sujeito, é compreensível que o docente cumpra com os preceitos educacionais a partir do momento que se assume como tal, livre de amarras ou preceitos preestabelecidos de uma metodologia que limite a capacidade do aluno, transpondo as barreiras da limitação do pensamento pela simples e tão propagada imposição de conceitos e diretrizes educacionais.

O cerne da questão está mesmo na formação docente, numa prática limitadora, que por sua vez perpassam essa prática aos seus alunos que propagarão o ciclo composto por limitações e grades curriculares fixas e presas aos livros didáticos, aulas expositivas e muito pouca interação e promoção do sentido reflexivo tão necessário para a formação crítica dos futuros adultos capazes ou não de mudar a sociedade. Para tanto, o docente precisa ter, sobretudo, amor pelo que faz e ser capaz de adotar uma metodologia realmente libertadora, utilizando dos conhecimentos que têm para o desenvolvimento de seres autônomos e capazes.

De acordo com Pontual (1999), ao trabalhar o jornal como proposta pedagógica, o docente tem a partir da utilização do gênero a capacidade de desenvolver no aluno o desejo de continuar a buscar novas informações, ou seja, capacitá-los para a motivação, de modo que:

Todo professor por ser um construtor de autoestima de seus alunos, quando os ajuda a estabelecer suas metas e mostra caminhos para cumpri-la, quando sabe valorizá-los bem mais como pessoas que simplesmente como alunos. Alunos erram ou acertam, cumprem ou descumprem e para isso necessitam ser notificados, mas pessoas amam, sofrem, esperam, anseiam, alegram-se, emocionam-se e esses sentimentos necessitam de percepção e condução.

Deste modo, o aluno deve ser entendido enquanto ser social e não apenas o discente que precisa receber informações que, muitas vezes, nem são utilizadas no seu cotidiano, servem apenas para que este possa “passar de ano”.

De posse de tais pressupostos, é importante ainda destacar o gênero jornalístico e a sua utilização em sala de aula data desde a década de 30 nos Estados Unidos, sendo abordada no Brasil sob a iniciativa de Anísio Teixeira dentro da perspectiva da Escola Nova e da promoção da reflexão pela problematização e ainda na transferência de responsabilidade do professor para o aluno quanto à aquisição de conhecimentos e no desenvolvimento dos conceitos, ideia já tão bem abordada neste capítulo (PAVANI, JUNQUER e CORTEZ, 2007).

Transferindo a responsabilidade do professor para o aluno, cabe ao docente buscar estratégias que proporcionem essa autonomia. De acordo com Kleiman e Cavalcanti (2007, p. 16), os gêneros textuais podem ser utilizados e são assim definidos como,

[...] um conjunto de atividades que se origina de um interesse real na vida dos alunos e cuja realização envolve o uso da escrita, isto é, a leitura de textos que, de fato, circulam na sociedade e a produção de textos que serão lidos, em um trabalho coletivo de alunos com o professor, cada um segundo sua capacidade [...].

Deste modo, o gênero jornalístico pode ser utilizado como mobilizador da busca pelos conhecimentos, para tanto, se faz necessária à busca por linguagens significativas, sendo este um dos meios capazes de desenvolvê-lo. O jornal pode, portanto, proporcionar na sala de aula uma íntima relação entre a vida real e as bases linguísticas, permitindo o desenvolvimento da capacidade reflexiva e, assim, a criticidade.

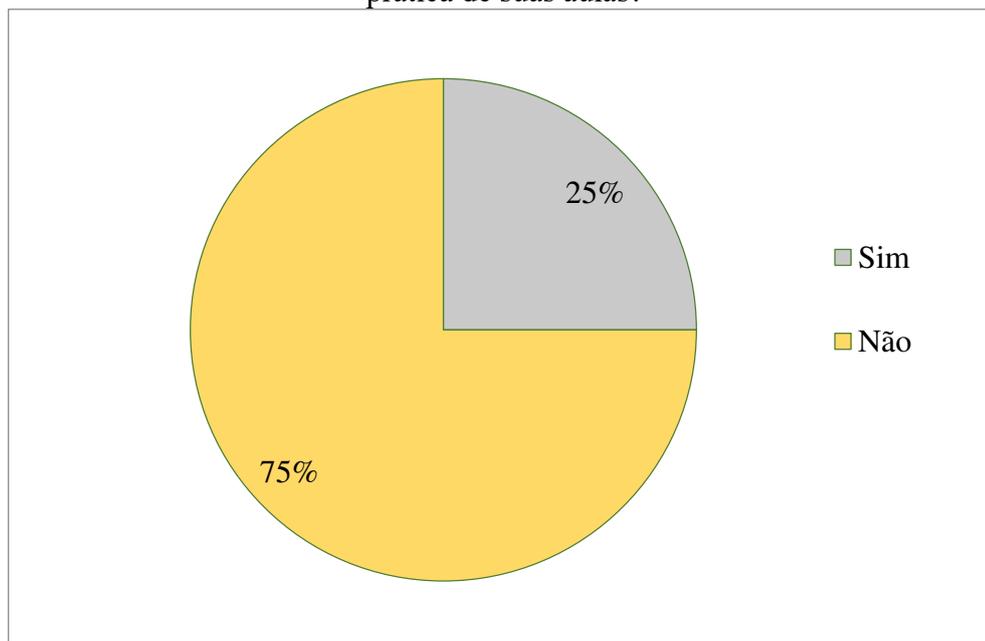
3 - LEITURA E LETRAMENTO NO ENSINO MÉDIO A PARTIR DA ABORDAGEM DO GÊNERO JORNALÍSTICO

Levando em consideração que o objetivo da presente pesquisa permeou a identificação da utilização do gênero jornalístico no Ensino Médio de uma escola estadual do município de São João do Rio do Peixe – PB, e como objetivos específicos: compreender a perspectiva de utilização gênero jornalístico no Ensino Médio; avaliar a utilização do gênero quanto à sua função; e analisar o gênero jornalístico na perspectiva de letramento.

A pesquisa foi desenvolvida no período compreendido entre os meses de fevereiro a junho de 2017 nas três séries do Ensino Médio de uma escola estadual de ensino. Na instituição tinham 03 (três) turmas uma para cada série e 04 (quatro) docentes, sendo 02 (duas) de Língua Portuguesa e 02 (duas) de Literatura.

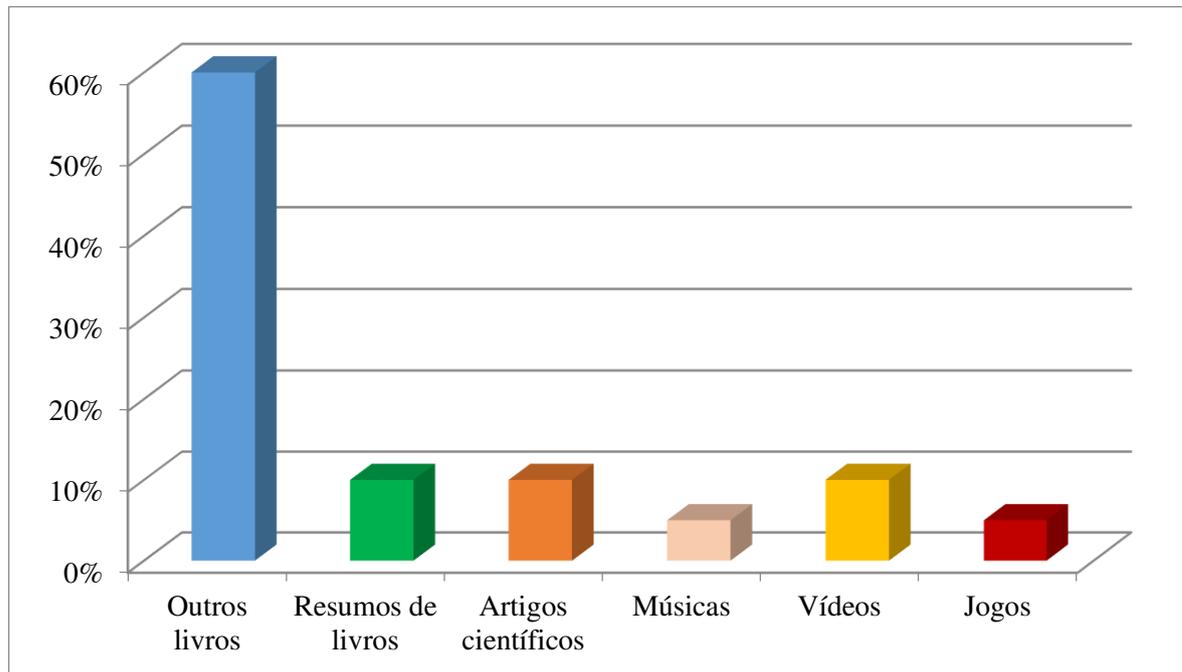
Inicialmente, em um primeiro contato com a instituição e com as docentes, foi questionado sobre a utilização do livro didático nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura, havendo unanimidade entre as respostas, de modo que 100% delas o utilizavam. Em sequência foram questionadas se sobre a utilização de outros materiais além do livro didático em sala de aula. Os resultados do questionário são apresentados no gráfico 01 abaixo e no gráfico 02 a seguir.

Gráfico 01 - Respostas frente ao questionamento: vocês utilizam outros materiais para a prática de suas aulas?



Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Gráfico 02 - Respostas frente ao questionamento: quais materiais complementares costumam utilizar em sala de aula?



Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

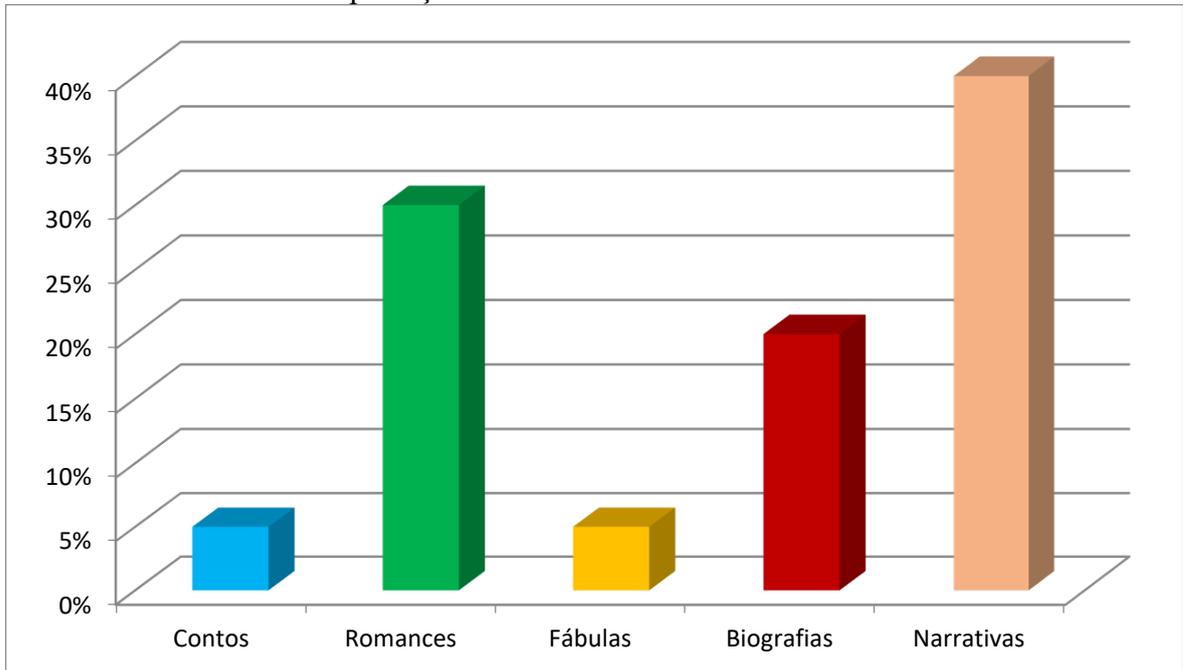
O gráfico 01 traz um dado preocupante, de que os docentes, em sua maioria, representada por 75%, não buscam a utilização de outros meios ou recursos para a realização de suas aulas, limitando-se apenas ao livro didático, isso talvez venha ocorrer pela barreira imposta pelo círculo da educação tradicionalista destacado capítulo II deste trabalho.

Quanto aos 25% dos profissionais da educação de língua portuguesa e literatura que utilizam materiais complementares que representa apenas 01(uma) professora, a docente remete a utilização de outros livros (60%), resumos de livros, artigos científicos e vídeos (10% cada) e ainda música e jogos (5% cada).

Esses dados preocupam ainda por trazer um dado importante que é a utilização de resumos de livros, que se trata de uma reflexão/compreensão de outros autores acerca de determinada obra. E aí vem a seguinte indagação, por que não buscar a compreensão dos próprios alunos? Essa questão seja respondida talvez pela alta demanda de atividades que não proporcionam tempo suficiente para tal ou mesmo pela facilidade de tal prática.

Posteriormente, os docentes foram questionados sobre a utilização dos gêneros textuais, quais eram e por que eram utilizados. Quanto à utilização, todas as docentes afirmaram utilizar, já em relação quais eram estes e qual o objetivo de sua utilização, os dados são apresentados nos gráficos 03 e 04 a seguir.

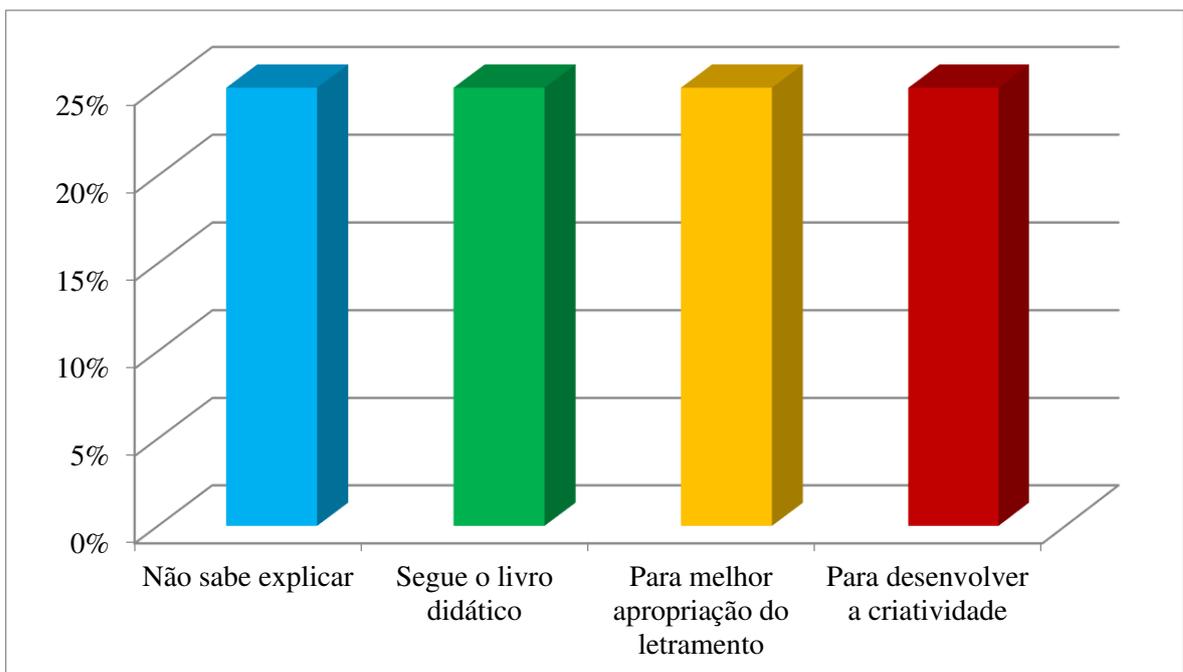
Gráfico 03 - Respostas frente ao questionamento: quais gêneros textuais são utilizados na explanação dos conteúdos em sala de aula?



Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

O gráfico 03 demonstra que as narrativas são utilizadas com mais frequência (40%), seguidas pelos romances (30%), pelas biografias (20%) e pelos contos e fábulas (5% cada).

Gráfico 04 - Respostas frente ao questionamento: por que utilizam os gêneros textuais na prática de ensino em sala de aula?



Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Já no gráfico 04 que demonstra a justificativa para a utilização de tais gêneros, verifica-se que as docentes utilizam esses recursos para seguirem o livro didático, para apropriação do letramento e desenvolvimento da criatividade (25% cada) e apenas um docente não soube explicar o motivo (25%). De acordo com Marcuschi (2008, p. 25):

Os gêneros devem ser vistos na relação com as práticas sociais, os aspectos cognitivos, os interesses, as relações de poder, as tecnologias, as atividades discursivas e no interior da cultura. Eles mudam, fundem-se, misturam-se para manter sua identidade funcional com inovação organizacional.

Diante de tal conhecimento, observa-se uma limitação do uso dos gêneros quando é citada a sua utilização como simples seguimento da proposta do livro didático. Entretanto, o pensamento das docentes coaduna com o pensamento de Marcuschi (2008) a respeito da abordagem e de seu emprego enquanto agente de criatividade ou mesmo para o desenvolvimento do letramento, tão essencial como abordado nos capítulos anteriores.

Em sequência, usando mais da especificidade, as docentes foram questionadas sobre a utilização do gênero jornalístico. Por unanimidade as respostas foram negativas, e as justificativas foram que, até o período pesquisado ele não foi utilizado, mas que seria até o final do ano letivo, com exceção de uma das docentes que relatou ter preparado aula para semana seguinte com a utilização do gênero dentro da temática de Literatura Brasileira, fazendo parte de um projeto curricular de sua disciplina que envolve a abordagem da literatura com ênfase no multiletramento.

Foi uma grande surpresa o conhecimento do referido projeto, diante da necessidade de abordagem sistemática com ênfase no letramento que os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) estabelecem, pois,

[...] projetos são excelentes situações para que os alunos produzam textos de forma contextualizada. [...] os projetos favorecem o necessário compromisso do aluno com sua própria aprendizagem. O fato de o objetivo ser compartilhado, desde o início, e de haver um produto final em torno do qual o trabalho de todos se organiza, contribui muito mais para o engajamento do aluno nas tarefas como um todo, do que quando essas são definidas pelo professor; determinadas práticas habituais que não fazem qualquer sentido quando trabalhadas de forma descontextualizada podem ganhar significado no interior dos projetos: a cópia, o ditado, a produção coletiva de textos, a correção exhaustiva do produto final, a exigência de uma ortografia impecável, etc (BRASIL, 1998).

Neste sentido, entende-se como crucial a ação da docente, de modo que foi solicitada a disponibilização da sequência didática que seria ministrada e ainda a permissão para

presenciar a aula mediante um estudo observacional. No quadro 01 abaixo apresentamos a sequência didática proposta pela professora.

Quadro 01 - Sequência didática a ser utilizada pela docente.

Etapa 01. Apresentação da proposta de leitura aos alunos com alguns textos literários de Machado de Assis e observação do comportamento dos alunos e seus gostos em relação à leitura.

Etapa 02. Discussão sobre o que é um texto literário romântico, no estilo folhetim, se eles já tinham ouvido falar e se pertenciam ao gênero jornalístico. Com o uso de data show os folhetins que circulavam no século XIX foram mostrados aos alunos, para perceberem a diferença de como era a leitura do gênero da época, também serão abordadas as diferenças entre os suportes Jornais, revistas e livros.

Etapa 03. Depois de observar o comportamento dos alunos, será realizada uma explanação folhetim, o propósito da escolha do romance-folhetim Helena e a leitura de um pequeno pedaço do folhetim.

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

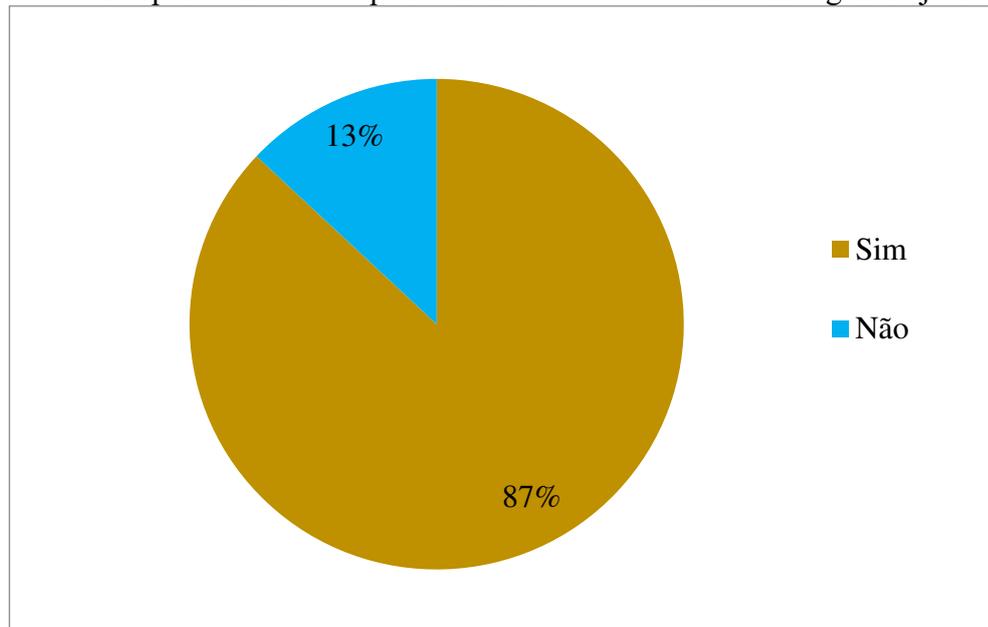
Na observação da aula apresentada foi analisado inicialmente o atendimento do horizonte de expectativas, de modo que os alunos foram solicitados a lerem o capítulo do livro correspondente a Literatura Brasileira, no qual constava uma biografia de Machado de Assis, seguida com a apresentação do romance-folhetim enquanto gênero jornalístico.

Já em relação à segunda etapa, os alunos demonstraram interesse e entusiasmo, especialmente por não demonstrarem conhecimento prévio quanto ao romance-folhetim como parte dos jornais e integrante do gênero jornalístico. Para o encerramento da aula, a docente apresentou um vídeo que trazia uma adaptação em forma de animação do livro “Helena” de Machado de Assis, e posteriormente solicitou que os alunos realizassem uma reflexão, como atividade de casa foi solicitada realização da leitura integral da referida obra e elaborassem quadros de leitura para abordar os acontecimentos dos capítulos e características individuais dos personagens.

Foi verificado que na referida aula a docente utilizou mais de um gênero em consonância entre eles, a fim de facilitar a abordagem de um conteúdo que poderia ser apenas “repassado” aos alunos de forma estática e sem entusiasmo. A atividade demonstrou ter potencial para instigar os alunos a buscarem conhecimentos e para a compreensão dos gêneros apresentados e ainda do conteúdo abordado em cada um desses gêneros.

Para uma análise ainda mais sistemática, os alunos de todas as séries avaliadas, num total de 80 (oitenta) alunos, estes foram questionados quanto o conhecimento do gênero jornalístico. Os dados são apresentados no gráfico 05 a seguir.

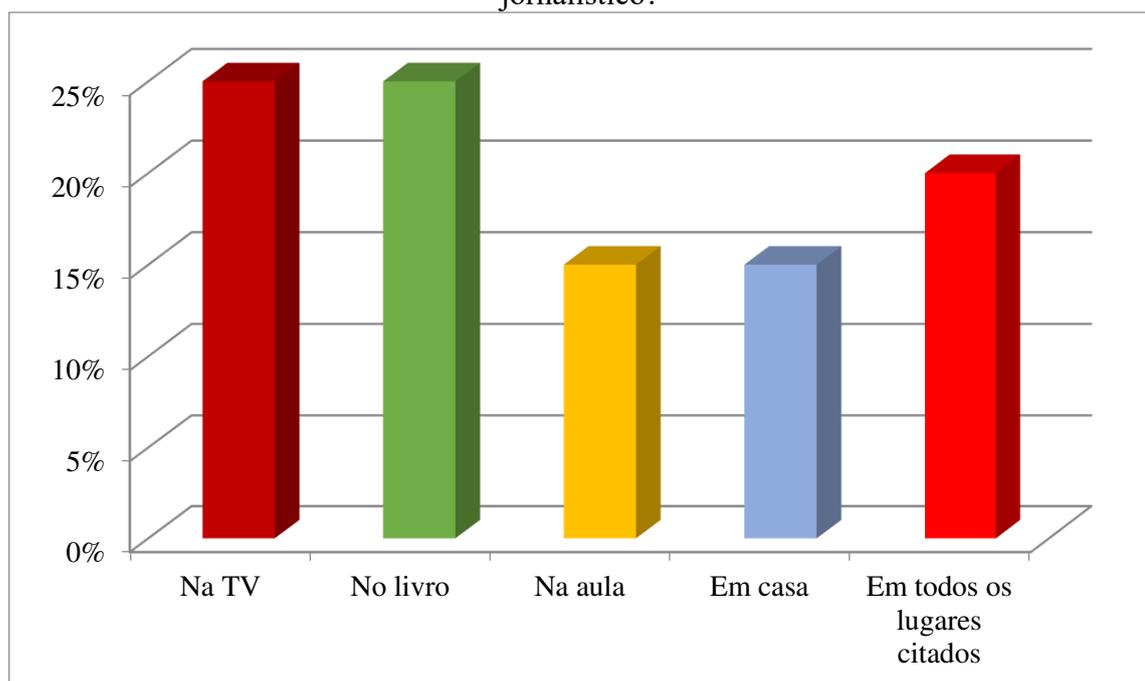
Gráfico 05 - Respostas frente ao questionamento: vocês conhecem o gênero jornalístico?



Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

De acordo com os dados do gráfico 05, o maior percentual dos alunos afirmam conhecer o gênero jornalístico (87%), enquanto que uma pequena minoria não os conhece (13%), isso talvez em virtude da não abordagem do referido gênero no ano letivo corrente. Os alunos também foram questionados sobre de que modo tiveram contato com o referido gênero. O gráfico 06 abaixo traz os resultados.

Gráfico 06 - Respostas frente ao questionamento: de que modo tiveram contato com o gênero jornalístico?

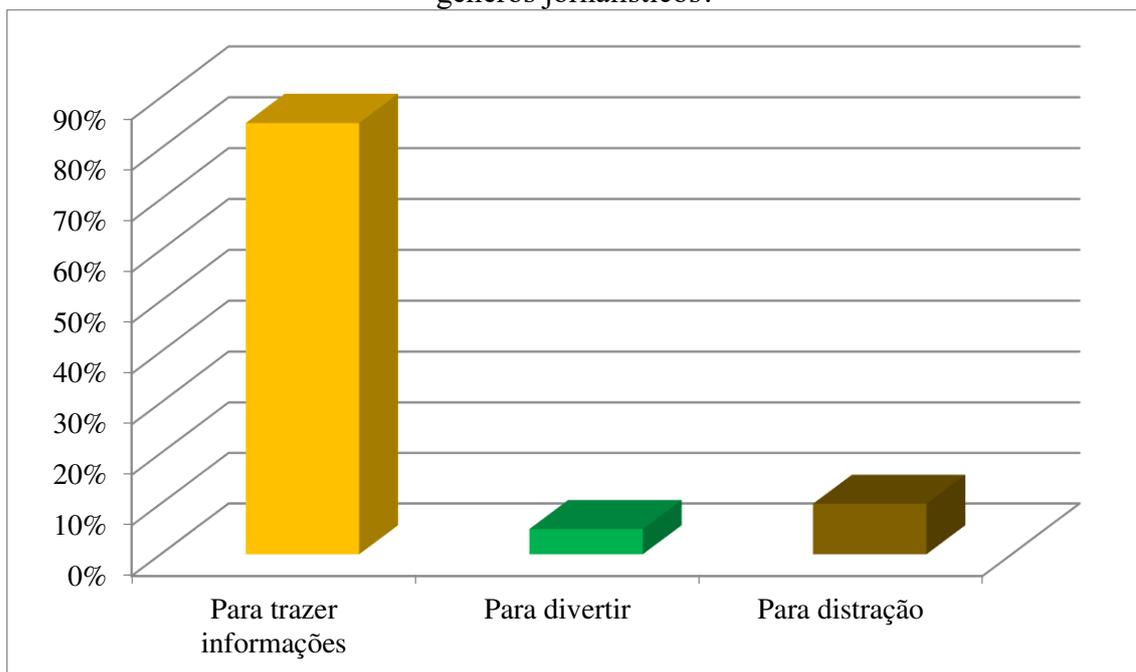


Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Verifica-se a partir do gráfico 06 que a maioria dos alunos demonstra ter contato com o gênero a partir da televisão e do livro didático (25% cada), há ainda o contato na sala de aula e em casa (15% cada), e também, os discentes salientaram ter tido contato em todos os ambientes citados (20%). Acerca dos dados, é importante considerar que a educação deve ser entendida no seu aspecto multidimensional, o aluno aprende não apenas na sala de aula, pois ele tem múltiplas fontes informacionais.

Acerca do uso do gênero jornalístico, Pontual (1999) aponta que este é capaz de mudar a perspectiva dos alunos no sentido de desenvolver a capacidade de compreensão quando utilizada sob a proposta de multiletramento, pois, o emprego do jornal como sistema de signos limita a sua utilização. O uso dos gêneros jornalísticos possibilita uma autorreflexão enquanto sujeito social, proporcionando a compreensão de si próprio enquanto ser social e dinâmico. Correlato a isso, os alunos foram ainda questionados sobre o objetivo dos gêneros jornalísticos. Os dados são apresentados no gráfico 07 abaixo.

Gráfico 07 - Respostas frente ao questionamento: em sua opinião, para que servem os gêneros jornalísticos?



Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Os gêneros propiciam a leitura e esta, por sua vez é necessária para a compreensão e varia de acordo com cada leitura de mundo. De acordo com os dados do gráfico 07 foram apresentadas três variações de objetivos para a leitura do gênero jornalístico, sendo que 80% dos discentes expressaram que usam do gênero para aquisição de informações, 15% utilizando para distração e ainda 5% afirmaram que fazem uso desse gênero apenas para diversão.

De acordo com Koch e Elias (2010, p. 11), a leitura constitui-se de uma,

[...] atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.

Refletindo ainda sobre o sentido dado a determinado texto é que Geraldi (1995) apresenta uma analogia relevante ao destacar que:

O produto do trabalho de produção se oferece ao leitor, e nele se realiza a cada leitura, num processo dialógico cuja trama toma as pontas dos fios do bordado tecido para tecer sempre o mesmo bordado, pois as mãos que agora tecem trazem e traçam outra história. Não são mãos amarradas – se o fossem, a leitura seria reconhecimento de sentidos e não produção de sentidos; não são mãos livres que produzem o seu bordado apenas com os fios que trazem nas veias de sua história – se o fossem a leitura seria um outro bordado que se sobrepõe ao bordado que se lê, ocultando-o, apagando-o, substituindo-o. São mãos carregadas de fios, que retomam e tomam os fios que no que se disse pelas estratégias de dizer se oferece para a tecedura do mesmo e outro bordado. É o encontro desses fios que produz a cadeia de leituras construindo os sentidos de um texto (GERALDI, 1995, p. 166).

Diante de tais palavras, observa-se que o sentido do texto e o sentido que cada leitor dá a seu texto refletem, sobretudo, a sua vivência de mundo, o seu estado atual, tendo em vista que um texto pode provocar uma reflexão hoje e que com o passar dos anos ele pode ter outra reflexão no mesmo leitor, que terá um embasamento mais consistente para constituir inferências, compreensões e reflexões distintas, mesmo para um mesmo indivíduo em tempos distintos, o que nos faz refletir sobre a beleza imbrincada nos processos subjetivos mediados pela leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do presente estudo proporcionou inicialmente a compreensão do letramento enquanto necessário desde o processo de alfabetização, não sendo possível uma dissociação entre ambas e muito menos a proposição de uma educação letrada e pensada na perspectiva estática de decodificação de signos linguísticos, limitada a utilização do livro didático e tendo o docente como transmissor de conhecimentos, e a educação limitada a simples transmissão.

Para proporcionar o desenvolvimento do letramento a utilização dos gêneros é essencial, entendendo-se que, o letramento é um processo socialmente mediado e, como tal, acontece na e com a sociedade e tem nos gêneros a sua propagação e utilização.

Neste sentido, entendendo que o objetivo geral da presente pesquisa foi a identificação do gênero jornalístico no Ensino Médio, observou-se uma utilização fragilizada e pontual com um projeto curricular da disciplina de Literatura Brasileira, e demonstrando a sua utilização na perspectiva do letramento e do desenvolvimento da capacidade crítico-reflexiva por parte dos discentes, de modo a responder ainda o objetivo específico que envolveu a necessidade da compreensão da perspectiva da utilização do gênero jornalístico no Ensino Médio.

Foi verificado que a sua utilização de modo geral, tomando por base a compreensão dos discentes frente ao processo educacional como um todo e não apenas na série atual, demonstrou pouca objetividade, talvez pela limitação ainda existente quanto à utilização dos livros didáticos de forma estática em uma educação que ainda segue os princípios do tradicionalismo, dos alunos como seres desprovidos de anseios e necessidades, destituídos da função social que realmente têm.

O presente estudo trouxe a reflexão quanto à identificação da necessidade de revisitar os pressupostos pedagógicos e metodológicos do ensino da Língua Portuguesa e Literatura, do entendimento de tais disciplinas como base essencial para a aquisição de novos conhecimentos, e que sem a capacidade de letramento, o discente torna-se incapaz de compreender o que se passa ao seu redor e, especialmente, perde a capacidade reflexiva, tornando-se acrítico e incapaz de influir positivamente para as melhorias sociais.

Muitas são as fontes de informações nos dias atuais, a internet disponibiliza um amplo acervo de textos, inclusive e principalmente os gêneros jornalísticos, mas de que adianta tanta disseminação de informações se são muito pouco utilizadas por seus leitores? Na maioria das vezes são capazes apenas de apreender os sentidos mais arcaicos, não conseguindo transcender a decodificação dos termos nestes utilizados.

Em fim, cabe ao docente o papel de tomar conhecimento da necessidade de mudança de tal realidade, e capacitar-se para tal, buscar subsídios para a sua mudança de prática, para a utilização da educação como capaz de mudar, transmutar e permitir a evolução dos indivíduos enquanto seres sociais e conseqüentemente da própria sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Do universo à jaboticabeira** São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.
- ARAÚJO, U. F.; SASTRE, G. (Org.) **Aprendizagem baseada em problemas no ensino superior**. 2ª ed. São Paulo: Summus, 2009.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BARBOSA, J. J. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 1992.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARNETT, Ronald. **Los limites de la competência**. Barcelona. Gedisa, 2001.
- BONINI, A. **Jornal escolar: gêneros e letramento midiático no ensino-aprendizagem de linguagem**. RBLA, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 149-175, 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: (1ª a 4ª série) Ensino Fundamental**. Secretaria da Educação Fundamental. vol. 1/10. Brasília; MEC/SEF, 1998.
- BUENO, Luzia. **Os gêneros jornalísticos e os livros didáticos**. Mercado de Letras. Campinas, SP, 2011.
- BUZZI, Arcângelo R. A antropologia. In: BUZZI, Arcângelo R. **Introdução ao pensar – o ser, o conhecimento, a linguagem**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, p. 61-78, 1989.
- DEON, Robson; SANTOS, Márcia Andrea dos. **Gêneros jornalísticos na escola**. Entrepalavras, Fortaleza, v. 6, n. 2, p. 322-334, jul./dez. 2016.
- FERRAZ, S. M. **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- FLEURY, M. T. L; FLEURY, A. **Construindo o conceito de competência**. RAC, edição especial, 2011: 183-196.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- _____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1998.
- GERALDI, J. Wanderley. **Portos de passagem**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1991.
- HAGER, P.; GONCZI, A. **What is competence?** Medical Teacher, v.18, n.1, p.15-8, 1996.

KLEIMAN, A. B.; CAVALCANTI, M. C.. **Linguística aplicada – suas faces e interfaces**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

KLEIMAN, A. B. **Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna**. Signo. Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, p. 1-25, dez, 2007.

KLEIMAN, Â. **Oficina de leitura**: teoria e prática. 9ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

_____. **Abordagens da leitura**. Scripta, Belo Horizonte, v. 7, n 14, 2004.

KOCK, Ingedore V.; ELIAS, Vanda M. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares - As razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1995.

LOPES, J. R. **Caderno do educador**: alfabetização e letramento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2010.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. V. **Fundamentos da metodologia científica**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MARCUSHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEDINA, Jorge L. B. **Gêneros Jornalísticos**: repensando a questão. Revista Symposiu M. Ano 5 nº 1, janeiro/junho, 2001.

MELO, José Marques. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MORAIS, A. G.; ALBUQUERQUE, E. B. C. **Alfabetização e letramento: o que são? Como se relacionam? Como alfabetizar letrando?** In: LEAL, T. F.; ALBUQUERQUE, E. B. C. **Alfabetizando jovens e adultos letrados: outro olhar sobre a educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita – repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

PAVANI, Cecília; JUNQUER, Ângela; CORTEZ, Elizena. **Jornal**: uma abertura para a educação. Campinas, SP. Papyrus, 2007.

PONTUAL, Joana Cavalcante. **O jornal como proposta pedagógica**. São Paulo: Paulus, 1999.

RODRIGUES, C. M. C.; BATISTA, V. C. **A formação de leitores críticos a partir dos anos iniciais**: a leitura na construção de um sujeito sociocultural. **Revista Acadêmica Educação e Cultura em debate**. V.3, n.1, jan/jun.2017.

ROJO, R. H. R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SACRISTÁN, José Gimeno. Dez teses sobre a aparente utilidade das competências em educação. In: SACRISTÁN, José Gimeno et. al., **Educar por competência: o que há de novo?** Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 13-63.

SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M. (Org.). **Alfabetização e letramento: Conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.p. 11-22.

SANTOS, Carmi Ferraz. **Alfabetização e escolarização: A instituição do letramento escolar**. In: SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M. (Org.). **Alfabetização e letramento: Conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.p.23-36.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, M.B.; BATISTA, A. A. **Alfabetização e letramento: caderno do professor**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

SOUZA, Ana Lúcia Silva; CORTI, Ana Paula; MENDONÇA, Márcia. **Letramentos no ensino médio**. São Paulo, Parábola, 2012.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista**. Porto Alegre: ARTMED, 2003.

ZARIFIAN, P. **Objectif compétence**. Paris: Liaisons, 1999.

ANEXOS

Anexo A – Termo de autorização para a realização da pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

PROJETO DE PESQUISA

**OS GÊNEROS JORNALÍSTICOS EM PRÁTICAS DE LETRAMENTO
NO ENSINO MÉDIO**

Pesquisadores: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva – professor orientador
Talita Ingrid de Sousa Cardoso – acadêmica orientanda

Objetivo Central do estudo: Nosso projeto de pesquisa tem como objetivo identificar a utilização do gênero jornalístico no Ensino Médio de uma escola estadual do município de São João do Rio do Peixe – PB.

Papel dos participantes: Pretende-se a sua colaboração no sentido de permitir a aplicação do questionário com perguntas abertas e fechadas aos docentes da unidade educacional. Os dados obtidos servirão para análise e produção de reflexões sobre a temática em questão.

Papel dos Investigadores: A pesquisadora deste projeto compromete-se em garantir a confidencialidade dos dados que forem fornecidos pelos (as) participantes neste estudo e a utilizar esses dados somente para fins de investigação, sem que haja repercussões negativas aos participantes ou àqueles que se recusarem a participar.

AUTORIZAÇÃO

Eu Francisca Gisleine Cândido de Sousa responsável por esta Unidade escolar, autorizo o uso do espaço educativo docente da Escola Normal Estadual Ministro José Américo de Almeida para fins de pesquisa e publicação, desde que se preserve a confidencialidade dos dados de identificação dos participantes envolvidos.

Por ser verdade, firmo a presente autorização.

São João do Rio do Peixe, 02 de fevereiro de 2017.

Francisca Gisleine Cândido de Sousa
(Assinatura e carimbo)

Francisca Gisleine Cândido de Sousa
GESTORA
MAT.: 113.803-1
AUT. GEAGE/SEE Nº 10.625

Anexo B – Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento 01

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário(a) no estudo **OS GÊNEROS JORNALÍSTICOS EM PRÁTICAS DE LETRAMENTO NO ENSINO MÉDIO**, coordenado pelo professor Esp. Abdoral Inácio da Silva, vinculada à Universidade Federal de Campina Grande, Unidade Acadêmica de Letras, Centro de Formação de Professores, Cajazeiras – PB.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo: identificar a utilização do gênero jornalístico no Ensino Médio de uma escola estadual do município de São João do Rio do Peixe – PB.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido(a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: responder a um questionário, sendo que, para isto, receberá as devidas orientações. Os riscos envolvidos com sua participação são: desconforto pelo tempo exigido para apresentação de respostas ao questionário requerido. Os benefícios da pesquisa serão: a promoção de reflexões sobre a utilização do gênero jornalístico em sala de aula de modo a promover parâmetros à melhoria do fazer educativo.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada ao Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva ou Talita Ingrid de Sousa Cardoso, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com os responsáveis pela pesquisa
Nome: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
Talita Ingrid de Sousa Cardoso
Instituição: Universidade Federal de Campina Grande – CFP - UAL
Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, Casas Populares, Cajazeiras - PB
Telefone: (83) 98823-6401
E-mail: talita.iscardoso@gmail.com

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

São João del. do P., 09 de Julho 2017.

Maria Depoceno F. Nóbrega
Assinatura ou impressão datiloscópica
do voluntário ou responsável legal

Abdoral Inácio da Silva
Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
Coordenador da pesquisa

Talita Ingrid de Sousa Cardoso
Talita Ingrid de Sousa Cardoso – acadêmica orientanda / pesquisadora



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário(a) no estudo **OS GÊNEROS JORNALÍSTICOS EM PRÁTICAS DE LETRAMENTO NO ENSINO MÉDIO**, coordenado pelo professor Esp. Abdoral Inácio da Silva, vinculada à Universidade Federal de Campina Grande, Unidade Acadêmica de Letras, Centro de Formação de Professores, Cajazeiras – PB.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo: identificar a utilização do gênero jornalístico no Ensino Médio de uma escola estadual do município de São João do Rio do Peixe – PB.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido(a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: responder a um questionário, sendo que, para isto, receberá as devidas orientações. Os riscos envolvidos com sua participação são: desconforto pelo tempo exigido para apresentação de respostas ao questionário requerido. Os benefícios da pesquisa serão: a promoção de reflexões sobre a utilização do gênero jornalístico em sala de aula de modo a promover parâmetros à melhoria do fazer educativo.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada ao Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva ou Talita Ingrid de Sousa Cardoso, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com os responsáveis pela pesquisa

Nome: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
Talita Ingrid de Sousa Cardoso
Instituição: Universidade Federal de Campina Grande – CFP - UAL
Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, Casas Populares, Cajazeiras - PB
Telefone: (83) 98823-6401
E-mail: talita.iscardoso@gmail.com

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

São João do Rio do Peixe, 09 de Fevereiro 2017.

Francisca Baitas Soares Silva
Assinatura ou impressão datiloscópica
do voluntário ou responsável legal

Abdoral Inácio da Silva
Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
Coordenador da pesquisa

Talita Ingrid de Sousa Cardoso
Talita Ingrid de Sousa Cardoso – acadêmica orientanda / pesquisadora

Anexo D – Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento 03



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário(a) no estudo **OS GÊNEROS JORNALÍSTICOS EM PRÁTICAS DE LETRAMENTO NO ENSINO MÉDIO**, coordenado pelo professor Esp. Abdoral Inácio da Silva, vinculada à Universidade Federal de Campina Grande, Unidade Acadêmica de Letras, Centro de Formação de Professores, Cajazeiras – PB.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo: identificar a utilização do gênero jornalístico no Ensino Médio de uma escola estadual do município de São João do Rio do Peixe – PB.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido(a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: responder a um questionário, sendo que, para isto, receberá as devidas orientações. Os riscos envolvidos com sua participação são: desconforto pelo tempo exigido para apresentação de respostas ao questionário requerido. Os benefícios da pesquisa serão: a promoção de reflexões sobre a utilização do gênero jornalístico em sala de aula de modo a promover parâmetros à melhoria do fazer educativo.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada ao Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva ou Talita Ingrid de Sousa Cardoso, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com os responsáveis pela pesquisa
Nome: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
Talita Ingrid de Sousa Cardoso
Instituição: Universidade Federal de Campina Grande – CFP - UAL
Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, Casas Populares, Cajazeiras - PB
Telefone: (83) 98823-6401
E-mail: talita.iscardoso@gmail.com

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

São João do Rio do Peixe 09 de Fevereiro 2017.

Maria Aparecida de Sousa Cardoso
Assinatura ou impressão datiloscópica
do voluntário ou responsável legal

Abdoral Inácio da Silva
Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
Coordenador da pesquisa

Talita Ingrid de Sousa Cardoso
Talita Ingrid de Sousa Cardoso – acadêmica orientanda / pesquisadora

Anexo E - Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento 03



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário(a) no estudo **OS GÊNEROS JORNALÍSTICOS EM PRÁTICAS DE LETRAMENTO NO ENSINO MÉDIO**, coordenado pelo professor Esp. Abdoral Inácio da Silva, vinculada à Universidade Federal de Campina Grande, Unidade Acadêmica de Letras, Centro de Formação de Professores, Cajazeiras – PB.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo: identificar a utilização do gênero jornalístico no Ensino Médio de uma escola estadual do município de São João do Rio do Peixe – PB.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido(a) ao(s) seguinte(s) procedimento(s): responder a um questionário, sendo que, para isto, receberá as devidas orientações. Os riscos envolvidos com sua participação são: desconforto pelo tempo exigido para apresentação de respostas ao questionário requerido. Os benefícios da pesquisa serão: a promoção de reflexões sobre a utilização do gênero jornalístico em sala de aula de modo a promover parâmetros à melhoria do fazer educativo.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada ao Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva ou Talita Ingrid de Sousa Cardoso, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

<p>Dados para contato com os responsáveis pela pesquisa</p> <p>Nome: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva Talita Ingrid de Sousa Cardoso</p> <p>Instituição: Universidade Federal de Campina Grande – CFP - UAL</p> <p>Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, Casas Populares, Cajazeiras - PB</p> <p>Telefone: (83) 98823-6401</p> <p>E-mail: talita.iscardoso@gmail.com</p>
--

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

São João do R. do P., 09 de Fevereiro 2017.

Maria José Almeida Fernandes
Assinatura ou impressão datiloscópica
do voluntário ou responsável legal

Abdoral Inácio da Silva
Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
Coordenador da pesquisa

Talita Ingrid de Sousa Cardoso
Talita Ingrid de Sousa Cardoso – acadêmica orientanda / pesquisadora